

# O lugar da mulher em Helena e Penélope: uma investigação a partir de Homero

*The woman's place in Helena and Penelope: an investigation from Homer*

Ariadne Borges Coelho,  
Gabriel Fernandes do Nascimento Almeida

## Resumo

Atualmente, os estudos de gênero alcançaram textos e personagens da Grécia Antiga, ressignificando interpretações. E duas personagens se destacam: Helena e Penélope. Marcadas por estigmas, essas duas mulheres têm tido suas histórias lidas de forma errônea por bastante tempo. Utilizando da Abordagem Extrínseca Sociológica, e partindo das obras homéricas, pretende-se com este artigo aproximar as duas rainhas gregas, mostrando sua profundidade e complexidade enquanto mulheres. Conclui-se então que mesmo que colocadas em diferentes lados pela tradição oral, ambas lutaram e correram atrás pelo que lhes era mais caro, usando as armas que possuíam.

**Palavras-chave:** Helena; Penélope; Homero; Mulheridade.

## Abstract

*Currently, the gender studies reach texts and characters of Ancient Greece, resignifying interpretations. And two characters have been highlighted: Helen and Penelope. Marked by stigmas, these two women have their stories read in the wrong way for such a long time. Using the Sociological Extrinsic Approach, and starting from the homeric works, this article aims to approach the two Greek queens, showing their depth and complexity as women. Concludes that even when put in different sides, both Helen and Penelope have fought and chased for what they care the most, using the weapons they had.*

**Keywords:** Helen; Penelope; Homero; Womanhood.

## INTRODUÇÃO

O feminino ganha um notório espaço no debate sobre Antiguidade. E ao se aproximar da Grécia, dois grandes nomes se destacaram: Helena e Penélope. O imaginário feminino se construiu em torno das lendas sobre essas duas personagens, que sob uma primeira análise, parecem tão diferentes. Será mesmo?

Helena é amplamente conhecida, graças a sua beleza arrebatadora. Mas sua história um tanto controversa a acompanha desde os primórdios, afinal quem esqueceria da mulher que abandonou o marido por outro mais jovem e mais belo, movida apenas pela paixão? E sua silhueta ficou marcada na mente de todos, após sua representação pela excelente atriz Diane Kruger, no clássico filme *Tróia*, de 2004.

Penélope não perde no quesito reconhecimento. A tecelagem de sua colcha perpassa o coração de todas as mulheres, e conseguiu se marcar na história como

um símbolo de fidelidade. Marcada por uma devoção sem igual, essa mulher garantiu a admiração de todos que ouvem sua lenda.

Para constituir esta análise, elencou-se as obras do escritor Homero, *A Ilíada* e *Odisseia*. Sendo um representante de status e tendo reunido as histórias gregas de maior repercussão, o autor não pode deixar de ser citado ao se falar da Grécia Antiga. Por isso, as aparições das duas mulheres nas obras mencionadas serão utilizadas para comentar sobre sua personalidade e seus hábitos (SNODGRASS, 2004).

A investigação priorizará suas mulheridades<sup>1</sup>, entendendo-as enquanto mães, esposas, e acima de tudo isso, mulheres, que sentem, amam, tem desejos e ambições. Utilizando a Abordagem Extrínseca ao Estudo da Literatura - Método Sociológico, o processo buscará analisar as mulheres em questão, enquanto marcadas por preceitos sociais, como elementos descritivos de mulheres reais.

No que tange a metodologia, a Abordagem Extrínseca Sociológica se define por uma análise dos elementos contextuais da obra literária, que influem em sua composição, e partindo do pressuposto de que a literatura e o escritor estão inseridos em uma sociedade e falam a alguém. Dessa forma, os dois possuem deveres sociais, e transformam o contexto e a cultura ao seu redor, ao mesmo tempo que são transformados por eles. O enfoque ocorre, então, nas convenções sociais, nas regras, nos elementos constitutivos da vida em sociedade, seja de forma simbólica ou não. É importante frisar a concepção marxista dessa análise, pois ela ocorre não só de forma a analisar a forma como a relação entre a literatura e a sociedade se dá, mas também a criticá-la, além de mostrar como ela deveria ser, baseando-se em preceitos morais (WELLEK & WARREN, 2003).

Partindo disso, o objetivo principal desta pesquisa é verificar a hipótese de que Helena e Penélope não eram tão diferentes entre si, perpassando os objetivos menores de estabelecer uma comparação entre as duas figuras, elencar suas similaridades e pontos de aproximação e evidenciar suas diferenciações, finalizando com o intuito de revelá-las como mulheres em si mesmas.

Esta produção se torna relevante à medida que a reputação das personas escolhidas é levada muito aos extremos. Enquanto Penélope é santificada e posta em um pedestal como a mulher ideal, Helena é tida como uma mulher fácil e fútil, que se deixa levar pelas emoções, ignorando seus deveres e obrigações. Assim, necessita-se fazer perceber que elas eram pessoas de verdade, e polarizá-las não é o ideal.

Scott (1994) apresenta a tese de que a história não atua como mera contadora de fatos, mas infere diretamente na forma como eles são entendidos e organizados. Em consonância com o pretendido na pesquisa, a hipótese defendida pela historiadora corrobora a noção de que a descrição de personagens e eventos em obras literárias se situam mediante compreensões sociais, dizendo assim a respeito de um tempo e contexto.

Fazendo-se um recorte, o círculo de existência e atuação dessas mulheres se define como o *oikos*, a casa do pai, onde a vida acontecia. Era de onde tudo vinha,

---

<sup>1</sup> Aqui, decidiu-se por utilizar o termo mulheridade, visto que a noção do seu contraponto, feminilidade, conforme expõe Arruda (2013), pressupõe um único tipo de mulher, indo totalmente contrário ao intuito da pesquisa. Assim, entende-se que dessa forma possa abraçar-se a compreensão de que as mulheres são plurais, e não existem de uma única forma e aspecto.

tanto as necessidades materiais, quanto as demais, como segurança e proteção. Além disso, as normas morais e a ética nasciam ali. Isso diz muito sobre a construção de quem essas mulheres eram (FINLEY, 1988).

Bourdieu (1995), Louro (1995) e Scott (1995) afirmam que o mundo se dividiu dessa forma, reservando diferentes atuações para o homem e a mulher. À mulher pertencia a vida privada, o lar, os filhos, e a vida reprodutiva. A vida pública nunca lhes foi propriedade. Essa compreensão nos permite entender um pouco melhor como Penélope e Helena se arranjaram sob essas normas instituídas socialmente.

Helena aparece de forma ardilosa, pois culpada de uma das maiores guerras da Grande Acrópole, ela se manteve sempre com a coroa na cabeça, tendo após o fim da guerra retornado para Menelau. Mesmo após a morte deste, ela se casa com o cunhado e se mantém rainha. Sua única penalidade por seus crimes foi reatar com o marido que nunca amou. Na narrativa, Helena se mostra como a pessoa mais importante para si. É uma mulher com ambições e desejos e sabe correr atrás deles, remetendo à formosa deusa Afrodite (OUTEIRO, 2011). Sua força e poder são demonstradas quando recepciona Telêmaco, em *Odisseia*:

A filha de Zeus possuía drogas astuciosas, benignas, que lhe deu Polidamna, esposa de Tôn, no Egito, onde o solo fértil produz inúmeras drogas, muito benignas, misturadas, muito funestas, e cada um é médico habilidoso, superior a todos os homens: sim, são da estirpe de Peã. Após lançá-la e ordenar que o vinho se escançasse, [...] (HOMERO, 2014, Canto IV, 227-233)

Sua beleza quase divina pode ser explicada ao retomar seu nascimento. Na versão homérica, Helena é filha de Zeus e Leda, rainha de Esparta. Homero, ao descrevê-la, fez uso do mesmo epíteto que utilizava com as deusas e ninfas, “filha de Zeus”. Na relação que veio a dar origem à bela, Zeus possui Leda sob a forma de um cisne, e todas as suas descrições e retratações revelam na rainha uma expressão de prazer sobrenatural, o que marca o nascimento da divina Helena de Tróia como um fruto do prazer, explicando seu caráter movido por suas paixões e sua beleza arrebatadora (MORENO, 2015).

“Não causa indignação que troianos e aqueus de belas grevas sofram aflições tanto tempo por causa de tal mulher: é terrível como se assemelha a deusas imortais. Mesmo ela sendo assim, que retorne nas naus e não fique, desgraça futura para nós e nossos filhos” (HOMERO, 2018, Canto III, vv. 156-160)

O epíteto que acompanha Helena ao longo de sua narrativa, “de Tróia”, revela a complexidade dessa figura. Afinal, ela era espartana, e só depois há de abandonar o marido para ficar com o troiano Páris. Isso demonstra como, de forma errada e o qual Homero não corrobora, a culpa das mortes na Guerra de Tróia foi despejada sobre os ombros dela. Toda sua história prévia, seu reinado em Esparta, sua

maternidade, seu retorno posterior à terra de Menelau, são deixados de lado por causa de um momento de luxúria causado pelos deuses (PODCAST ARCHAI, 2020).

A figura dessa mulher tão icônica é manchada pelo pudor social. As histórias atribuem à Helena a culpa da morte de seus familiares e amigos, se deixando levar por um frívolo desejo. Ela destoa das mulheres de sua terra natal, já que é espartana, e essas tendiam a se envolverem em questões políticas e militares e até se deitar, de vez em quando, com outras mulheres. Helena é a encarnação do erotismo e do prazer sexual, e sua história carrega o peso da lembrança do mal que uma mulher que tem autonomia sobre seu próprio corpo e gosta de obter prazer pode causar (VILLANOVA & FABRINI, 2013). O próprio Aquiles, em *A Ilíada*, diz que só estavam ali por causa dela:

“[...] Por que é preciso que argivos combatam troianos? Por que juntou o exército e para cá o guiou o Atrida? Acaso não foi por Helenas belas-tranças? Entre os homens mortais, somente os Atridas amam as esposas? [...]” (HOMERO, 2018, Canto IX, vv. 337-341)

A culpa jogada em cima de Helena foi, apesar de tudo, um elemento de má interpretação, pois na tradição homérica, as forças divinas interferiram na guerra. Afrodite fez Helena cair de amores por Páris, e os deuses lutaram bravamente na batalha de Tróia. Assim, mesmo sendo uma mulher de amores e desejos, até ela caiu sob os desígnios da inescrupulosa deusa do amor. Contudo, a história insiste em jogar toda a responsabilidade sob os ombros da pobre mortal (SABINO, 2011).

Segundo Coelho (2001), a escrita homérica deixa evidente que o autor não corroborava com a culpabilidade da rainha de Esparta. Na *Odisseia*, as descrições dela são feitas sem nenhum julgamento por parte de quem escreve, mantendo totalmente a neutralidade, e buscando trazer até mesmo um outro ponto de vista, um outro tipo de narrativa. Em *A Ilíada*, a visão da história de Helena é positiva, sem em momento nenhum responsabilizá-la pelos ocorridos na Guerra de Tróia. Os epítetos utilizados para evocar a dama (divina criatura, nascida de Zeus, de braços bem-feitos, entre outros) carregam uma graciosidade e suavizam a imagem dela. A própria Helena é a única pessoa a se imputar culpa, se martirizando por causa disso.

Enquanto revolvia isso no juízo e no ânimo, Helena para fora do perfumado quarto alto-teto veio, semelhante a Ártemis roca-dourada. Para ela, Adreste postou cadeira bem-feita [...] (HOMERO, 2014, Canto IV, vv. 120-123)

Helena, retratada sempre como bela e feminina, em nenhum momento aparece como uma personagem fraca ou indefesa. Mesmo após ter sido pega de volta por Menelau, agora corrompido por ódio, e retornado para Esparta, seu poder chega a rivalizar com o do rei da *polis*. Homero a compara nessa parte a deusa Ártemis, que era linda e preciosa, mas também mortífera, conforme elucidado por Sais (2016).

Assim falou e a argiva Helena ordenou às escravas que postassem camas sob a colunata, belas mantas púrpura lançassem, em cima estendessem lençóis e por último pusessem capas de lã para que se cobrissem. (HOMERO, 2014, Canto IV, vv. 296-299)

Ao fazer essa investigação minuciosa sobre Helena, a Argiva, como chamada por Homero, percebe-se que ela era uma mulher, humana, capaz de erros e movida por suas emoções. A história foi cruel com ela, e seu nome carrega até hoje o estigma que é imbuído pela sociedade sexista e patriarcal naquelas que ousam ter direitos sobre seus próprios corpos.

Quando Penélope surge, sua imagem se difere gigantescamente da dama de Tróia. Helena inspira raiva, medo ou paixão nos homens, e disputa poder em uma relação de quase igualdade para com estes. A rainha de Ítaca não. Se põe no lugar de mulher submissa, casta e contida, agindo em silêncio, colocando-se em posição hierárquica inferior até mesmo a seu filho, deixando-o ser o senhor da casa na ausência de Odisseu, seu marido (EFRAIM, 2012).

“Mas entra na casa e cuida de teus próprios afazeres, do tear e da roca, e ordena às criadas que executem o trabalho; o discurso ocupará os varões todos, mormente a mim, de quem é o poder na casa”. (HOMERO, 2014, Canto I, vv. 356-359)

Ainda de acordo com Efraim (2012), apesar de seu recato, Penélope atua como a senhora da casa, do *oikos* grego. É ela quem gere o lar, recepciona os convidados. Sabe, e faz isso com maestria, exatamente quais informações devem sair de dentro de seu lar, para que a imagem de seu marido e amante seja enaltecida ou humilhada.

Contudo, a submissão de Penélope jamais pode se tornar sinônimo de fraqueza. Enquanto trajava suas vestes de luto e pranteava a falta de retorno do marido, sua artimanha para que nenhum dos pretendentes viesse a lhe tomar sua mão já estava em jogo. Ela assume as rédeas da escolha do sucessor de seu parceiro, que deveria vir de seu pai, e impõe suas próprias condições. Somente quando terminasse o sudário para Laerte ela escolheria quem iria tomar sua mão. Então, arditamente, ela tece de dia e desfaz o trabalho à noite, fazendo com que a confecção da peça jamais venha a se findar. Sua tenacidade foi crucial para que Odisseu completasse sua odisseia e retornasse para Ítaca, a coroa e sua mulher (PADILHA, 2008).

“Por isso agora não sejas meigo com a esposa e não lhe revele todo o discurso que bem conheces, mas diga-lhe algo, e o resto mantenha oculto. Mas não para ti, Odisseu, a morte virá da mulher: deveras sensata, projetos conhece bem no juízo a filha de Icário, a bem-ajuizada Penélope.” (HOMERO, 2014, Canto XI, vv. 441-446)

Penélope é mestre nas artes do decoro e da recepção, deixando isso evidente em seu encontro com o mendigo, seu marido disfarçado. Lá, a mulher não só o recebe, mas faz jus ao seu papel, atuando como senhora e esposa, zelando pelo trono do marido e usando a autoridade que a coroa dele a concede. A esposa de Odisseu demonstra uma capacidade de se adaptar e se ajustar conforme os contextos se modificam ao seu redor de forma surpreendente, como exposto por Sais (2016).

“Se Odisseu voltasse e alcançasse sua terra pátria, logo, com seu filho, iria vingar-se da violência dos varões”. Assim falou, e Telemaco alto espirrou, e em volta a casa, ameaçadora, ecoou. Riu Penélope, e eis que logo a Eumeu dirigiu palavras plumadas: “Vai, chama o estranho para encontrar-me aqui. Não viste que meu filho espirrou para todas as palavras? Assim não ficaria incompleta a morte dos pretendentes, de todos, e nenhum escaparia da perdição da morte. Outra coisa te direi, e tu, em teu juízo, a lança: se eu reconhecer que ele, sem evasivas, tudo expõe, vou vesti-lo com capa e túnica, belas vestes”. (HOMERO, 2014, Canto XVII, vv. 539-550)

A figura de Penélope demonstra se igualar à do marido, que foi tido como um dos mais inteligentes heróis gregos. Ela demonstrou perspicácia e sagacidade sem igual para controlar a situação desfavorável em que se encontrava. O próprio Homero a coloca como superior, em níveis de sabedoria, à personagens como Tiro, princesa de Tessália; Alcmena, que gerou Hércules; e Micena. Eram personagens famosas por sua inteligência, capazes de incontáveis ardis. Assim, Penélope se perpetua no imaginário coletivo ao tecer sua teia em torno do palácio de Ítaca (CAMPELO, 2014).

Tiro, Alcmena e Micena belas-tranças: nenhuma delas ideias semelhantes às de Penélope conheceu; porém, a que pensou não é moderada. (HOMERO, 2014, Canto II, vv. 120-122)

Malta (2012), em sua análise, disserta que a rainha de Ítaca é um exemplo de mulher que aprendeu a dançar conforme a música. Impõe suas vontades e corre atrás do que almeja, mas sem afrontas, fazendo com que pareça uma ideia dos outros, principalmente dos homens ao seu redor, trazendo sobre si então essa aparência dócil e afável. Todos os movimentos de Penélope, que em uma primeira leitura podem parecer simples e comuns, foram pensados e mensurados com muito cuidado pela mulher, para que se chegasse ao melhor fim.

Deve-se lembrar, entretanto, que as mulheres não eram tidas como seres dignos de confiança. Apesar de então Penelope ser vista com admiração pelos demais personagens das obras homéricas, ela ainda existe enquanto figura feminina e desconfiança paira sobre seus ombros. E ao olhar com um pouco mais de cuidado, pode-se ver que a sagacidade feminina que os gregos tanto temiam era a arma mais letal da, até então, viúva de Odisseu. Homero, ao escrever a fiel senhora de Ítaca,

não pretende se contrapor à Helena de Tróia, mas apresenta a maleficência presente na mulher em diferentes contextos (ARAÚJO, 2018).

Esta outra rainha revela sua humanidade, e conseqüentemente, sua mulheridade, nos mínimos detalhes. Escolheu lutar por seu lar e seu marido, e sem sair de seu papel ou trair as convenções sociais, ela faz tudo correr da forma que planejou. Penélope revela alguém com desejos tão profundos quanto o Tártaro, o de que seu marido retorne e o de manter seu lar e seu trono, desafiando as próprias Moiras, as tecedoras da vida, para ir atrás deles.

Loroux (1988) afirma que o melhor jeito de matar uma mulher é narrá-la. Escreva-a como uma mãe e esposa e a sufoque. Homero vai à frente nesse quesito, pois relata tanto Helena quanto Penélope como mães e esposas, mas acima de tudo isso, elas são mulheres. Pensam, amam, lutam e vivem, transcendendo seu recôndito social. Apesar de serem personagens escritas por um homem, as rainhas de Esparta e Ítaca são glorificadas, apesar de caírem em alguns estigmas, seus nomes foram marcados na história.

Olhando mais de perto essas figuras femininas, se percebe que a exclusão feminina tão falada na Grécia era quase um mito. Berquó (2015) comenta que antes de uma verdade, o confinamento das mulheres unicamente ao espaço privado era um ideal apenas, e como todo ideal, não descreve toda a realidade. A alta sociedade não desejava que a mulheridade ocupasse uma série de espaços, mas ela frequentemente tratava em aparecer, em teatros, praças e ambientes públicos. As mulheres então, possuem o verdadeiro protagonismo das obras gregas. Enquanto a figura masculina faz aquilo que lhe é esperado (lutar, matar, guerrear e celebrar), a mulher traz o holofote para si, traindo, fugindo, armando e alcançando uma posição de grande destaque. Apesar de controversas, essas personagens podem ser tidas até no papel de heroínas.

As mulheres, personagens amplamente utilizadas nas narrativas helênicas, vão além da representação apenas da mulher grega. Tendo que lutar pelo que querem, roubar a cena, e utilizar de todos os seus ardis para chegarem em um lugar de verdadeiro prestígio, passando por cima das tradições e morais da época, elas se aproximam das mulheres ocidentais, que ainda habitam em um regime de uma sociedade machista e patriarcal, e tem que lutar todos os dias por seus direitos (NOGUEIRA, 2006).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De início, Helena e Penélope aparentam ser as pessoas mais contrastantes possíveis. Contudo, essa análise vem marcada pela visão sexista de mundo, já que uma é difamada por ter dado vazão às suas paixões e a outra é exaltada pela sua fidelidade ao marido. No cerne de seu ser, em suas mulheridades, as duas rainhas gregas se aproximam mais do que imaginado, ao se comprovar que as duas utilizaram todas as artimanhas possíveis para conseguir o que desejavam, só tendo metodologias diferentes. Enquanto a rainha de Esparta possuía uma abordagem mais extravagante, estando no centro da cena e se fazendo ser vista por todos, a rainha de Ítaca preferia agir em segredo, escondendo-se sobre o véu da tristeza e do pesar, enquanto tramava longe dos olhos, em seus aposentos. Mas as duas tinham a mesma motivação: seu amor. Helena abandona Menelau, um casamento por interesse, e

segue Páris à Tróia por amor, e Penélope cose de dia e desfaz à noite motivada pela esperança do retorno de seu marido perdido.

Colocar duas enormes figuras como as rainhas analisadas em caixinhas como servil ou despudorada é apagar toda sua vivência e sua história. Não se pode deixar Helena ser estigmatizada, como se o ato de abandonar o marido fosse defini-la para sempre, assim como deixar Penélope no estereótipo da pobre viúva, como se tudo o que ela passou antes e depois da ida de Odisseu para a guerra em Tróia e seu demorado retorno, pudesse ser apenas deixado de lado. Helena de Tróia e Penélope eram mulheres, plurais, e foram permeadas por vários arquétipos durante suas jornadas. Reduzí-las a um único momento é mais do que só apagá-las, é silenciá-las por completo.

A Grécia sempre teve as mulheres enquanto ardilosas, imprevisíveis, e Homero não falha ao colocar no papel duas das maiores mulheres das narrativas gregas. Sem apresentar Penélope como divina e santa, como muitos achavam que ela era, e sem pintar Helena como dissimulada, como a sociedade grega a teve, elas são representadas como astutas, desempenhando seu papel e tomando caminhos não tão esperados. Surpreendem assim, do início ao fim das obras, corroborando assim com a multiplicidade das mulheres. Elas não são iguais, mas se assemelham sempre em uma coisa: são mulheres, e assim, lutam pelo que acreditam.

As duas mulheres estão em concordância com os ideais feministas atuais, onde a mulher deve ser livre para fazer o que quiser e tecer seu próprio destino. Apesar de muitos acreditarem que Penélope é uma escrava da sociedade, presa pela sociedade construída em torno do homem, sua narrativa exemplifica como ela desafiava o sistema sem causar alarde, e exercia sua liberdade ao ter escolhido, por vontade própria os laços do matrimônio e da família, lutando por isso até o fim. Já Helena personifica a liberdade por ter escolhido abandonar um casamento que não queria por um amante, priorizando suas vontades. Nenhuma das duas foi forçada a tomar as escolhas que fizeram, e sim escolheram baseadas em seu próprio juízo, tomando as rédeas das suas vidas.

Falar de feminismo na Grécia é abraçar o anacronismo, pois esse movimento só surge no final do século XIX, com as mulheres lutando por direitos políticos, principalmente o direito ao voto. Buscando por uma equidade de gênero, o feminismo só se faz necessário numa sociedade com bases patriarcais e sexistas. As sociedades antigas não são regidas pelos mesmos valores culturais que as de atualmente. Muitas sociedades antigas, aliás, tinham um modelo hierárquico que respeitava ou até mesmo priorizava as mulheres. Na Grécia, a divisão entre homens e mulheres era orquestrada por outros princípios que não os de hoje, e de forma diferente. As mulheres possuíam e reivindicavam sua liberdade, sua autonomia, sua independência enquanto ser vivente, a partir de uma variedade de métodos. A maternidade e a vida doméstica, que muitas vezes na sociedade ocidental atual são tidas como criações do patriarcado e estratégias de aprisionamento feminino, eram aspectos reverenciados da mulher. Estava em seu cerne, fazia parte de quem eram. Ninguém poderia tomar isso delas e isso era motivo de orgulho. As mulheres gregas vivenciavam suas mulheridades em seus mais amplos e complexos desdobramentos e não se deixavam ser rebaixadas por isso. Helena e Penélope assumem as mulheres em si, reclamam seus papéis e vivem suas histórias com ardor.

Penélope e Helena não se apresentaram, como ficou elucidado nesta pesquisa, somente como esposas de personagens importantes da história grega. Elas estavam



além disso. Foram mães, amigas, senhoras, rainhas, e sobretudo, mulheres. E tiveram seus nomes fixados eternamente na história por causa disso.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Orlando Luiz de. **A transgressão do espaço doméstico reservado à mulher na literatura grega: Penélope**. 2018.

ARRUDA, Lina Alves. **Estratégias desconstrutivas: a crítica feminista da representação**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BERQUÓ, Thirzá Amaral. **Mulheres indômitas: as heroínas da tragédia grega**. 2015.

Bourdieu, P. (1990/1995). A dominação masculina. **Educação e Realidade**, 20(2), pp. 133-184.

CAMPELO, Janeide Maia. **Esperando Ulisses: o mito de Penélope à luz da comparação diferencial e discursiva**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

COELHO, Maria Cecília de Miranda Nogueira. Imagens de Helena. **Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, v. 13, n. 13/14, p. 159-172, 2001.

EFRAIM, Raquel. Penélope, tecelã de enganos. **Kínesis – Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 4, n. 08, 2012.

FINLEY, M. I. **O mundo de Ulisses**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988, p. 55.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **Odisseia**. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

LORAUX, N. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988

MALTA, André. Penélope e a arte da indecisão na Odisseia. **Nuntius Antiquus**, v. 8, n. 1, p. 7-28, 2012.

MORENO, Cláudio. Todas as mulheres são Helena de Troia. **Revista da Associação Psicanalítica**, n. 48, p. 153-169.

NOGUEIRA, Adriana. Mulheres na literatura grega antiga: recurso estilístico? **A antiguidade clássica e nós. Herança e identidade cultural**. Actas, p. 93-101, 2006.

OUTEIRO, Marina Pereira. Divina entre as mulheres: Helena de Troia e a mulher do bronze recente (1580-1100 aC). **Revista Historiador**, n. 4, 2011.

PADILHA, Fabíola. Nas malhas de Penélope. **Revista Eletrônica de Estudos Literários – REEL**, n. 04, 2008.

PODCAST ARCHAI: Episódio 10: Helena. Entrevistada: Maria Cecília de Miranda Coelho. Entrevistadores: Gustavo Gomes e Fernanda Pio. Brasília: Cátedra UNESCO Archai da Universidade de Brasília, 6 nov. 2020. Podcast. Acesso ao episódio por meio do agregador Spotify.

SABINO, Frederico Marques. **A Helena da Odisséia e sua revisão historiográfica**. 2011.

SAIS, Lilian Amadei. **Mulheres de Homero**: o caso das esposas da Odisseia. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SCOTT, Joan W. **Preface a gender and politics of history**. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

\_\_\_\_\_. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20(2), 101- 132.

SNODGRASS, A. **Homero e os Artistas**. São Paulo: Odysseus editora, 2004.

VILLANOVA, Pâmella; FABRINI, Verônica. Feminilidade dissonante em cena: uma exploração andrógina do mito de Helena de Tróia. **Anais ABRACE**, v. 14, n. 1, 2013.

WELLEK, R., & WARREN, A. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Martins Fontes, 2003.